

Editorial



Formação Integrada

É uma honra para mim, como editora das publicações da SBPdePA, nesta gestão, participar da organização de uma edição especial que comemora a oficialização, pela IPA, da Formação Integrada da Brasileira. Essa formação significa que todo o psicanalista que concluir a Formação Psicanalítica na Brasileira está habilitado a atender crianças,

adolescentes e adultos, se assim optar. Os seminários que abordam o infantil e a adolescência estão incluídos no programa geral.

A formação integrada, numa instituição psicanalítica, possibilita uma visão mais ampla do desenvolvimento psíquico do ser humano. Freud sempre ressaltou o infantil no adulto. Já na Carta 52, de 1896, defendia a ideia do traço mnêmico, demonstrando o processo de transcrição das inscrições deixadas no psiguismo pelas vivências infantis. No Projeto para uma psicologia científica (1950), observamos que as experiências vividas, de amparo ou desamparo, trarão consequências significativas ao longo da vida de um indivíduo. Os traumas serão atualizados (a posteriori) na fase adulta.

Desde 2002, o Núcleo da Infância e Adolescência vem estudando essas fases do desenvolvimento, coordenado, inicialmente, pela colega Ana Rosa Trachtenberg e, posteriormente, por vários outros que se dedicaram e muito se empenharam ao crescimento desse segmento na Brasileira, entre eles Vera Maria Pereira de Mello, Mayra Dornelles Lorenzoni, Eluza Nardino Enck, Ângela Piva, César Augusto Antunes, Aline Pinto da Silva, Júlio Campos, Marlise Albuquerque e Ester Malque Litvin.

A formação integrada é um grande mérito conquistado pelo esforço da nossa atual presidente, Ane Marlise Port Rodrigues, quando esteve na direção do Instituto de Psicanálise (gestão 2018/20190), apoiada por vários psicanalistas da nossa Instituição que também atendem crianças e adolescentes e que estruturaram o programa da Formação Infantil, coordenando os seminários dessa área. Foram, igualmente, de fundamental importância as coordenações da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência (atualmente, Comissão da Formação Integrada em Psicanálise da Infância e Adolescência) nas diversas gestões do Instituto, possibilitando ampliar nossa formação e, assim, melhor qualificar nossa Instituição.

Temos que mencionar que a Brasileira é a primeira Sociedade Psicanalítica do Brasil a receber esse certificado. Sendo assim, no decorrer da sua trajetória, o membro do Instituto pode aprofundar e discutir, em seminários, as teorias relacionadas à infância, à adolescência e ao adulto, incluindo essas faixas etárias entre as suas supervisões obrigatórias, se assim o desejar.

Contamos, nesta edição, com valiosos comentários de colegas que participaram do NIA e de outros psicanalistas que foram convidados especiais dos eventos organizados durante esses 18 anos de atividades sobre infância e adolescência.

Nossa guerida Virginia Ungar, presidente da IPA, gentilmente se prontificou a nos dar uma entrevista sobre esse momento tão significativo na nossa Sociedade, que poderá ser apreciada neste Jornal.

Aproveito, também, para agradecer a colaboração dos colegas Roberto Ossig Vasconcelos e Susana Magalhães Beck, da Comissão Editorial, bem como da Micaela Wünsch e da Clarice Rodrigues, nossa esmerada bibliotecária.

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Editora e Diretora de Comunicação



EXPEDIENTE

Editora:

Rosa Beatriz Santoro Squeff **Conselho Editorial:** Roberto Ossig de Vasconcelos Susana Magalhães Beck

Assistente Editorial:

Clarice da Luz Rodrigues

Revisão de português: Débora Jael Rodrigues

Diagramação:

Marcelo Teixeira

Micaela Feijó Wünsch

Secretária:

Daniela Bonn

Tiragem: 250 exemplares

DIRETORIA

Presidente:

Ane Marlise Port Rodrigues

Secretário:

Lores Pedro Meller

Tesoureira:

Silvia Stifelman Katz

Diretora Científica:

Christiane Vecchi da Paixão

Diretora de Comunicação:

Rosa Beatriz Santoro Squeff

Diretora de Relações com a Comunidade:

Caroline Milman

Diretora do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP):

Astrid E. Müller Ribeiro

Diretora de Divulgação:

Tamara Barcellos Jansen Ferreira

INSTITUTO DE PSICANÁLISE

Diretora:

Silvia Brandão Skowronsky

Secretária:

Lísia Coelho Leite

Coordenadora da Comissão de Seminários: Patricia Rivoire Menelli Goldfeld

Coordenadora da Comissão de Formação: Laura Ward da Rosa

Coordenador da Comissão de Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência César Augusto Antunes

Associação de Membros do Instituto:

Thércio Andreatta Brasil

Órgão de divulgação da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, fundada em

Praça Dr. Maurício Cardoso, 07 CEP 90570-010 Porto Alegre - RS - Brasil Tel. 55 51 3330-3845 / 3333-6857 www.sbpdepa.org.br

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da SBPdePA, estando, portanto, sob responsabilidade de seus autores.

Palavras da presidente

Esta edição especial de nosso Jornal celebra a oficialização pela IPA da Formação Integrada em Psicanálise da Infância e Adolescência da SBPdePA. Nesse modelo, a formação geral (adultos) e a formação na área de crianças e adolescentes tornam-se integradas, sendo seus seminários oferecidos simultaneamente. Somos a primeira sociedade de psicanálise do Brasil a ter seu projeto aprovado pelo Board, em junho de 2020, após a recomendação do Comitê de Infância e Adolescência da IPA (COCAP) e do Comitê de Ensino da IPA. A chair desse Comitê, nossa colega da SBPSP Nilde Parada Franch, em suas interlocuções conosco e a quem agradecemos pelas orientações, salientou que a consistência e a abrangência do projeto apresentado foram muito apreciadas, resultando em sua recomendação ao Board. Em plena pandemia, que nos pesou com lutos, tivemos essa bela notícia.

Naturalmente que essa conquista é resultado do trabalho de um grupo institucional muito ativo e convicto da importância e do benefício do atendimento analítico das crianças, adolescentes e suas famílias, desde a fase de bebê, considerando também a cadeia transgeracional e o trabalho na vincularidade.

A origem da SBPdePA data de 1990, quando foi criado o Grupo de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Já em 2001, torna-se Sociedade Componente da IPA. Percebe-se, desde os começos, uma abertura e interesse para o estudo da psicanálise infantil entre seus membros. Assim, em 2000, a Dra. Elfriede Susana Lustig de Ferrer é convidada para uma reunião com supervisão de material clínico nessa área. Criado em 2002, o Núcleo de Infância e Adolescência (NIA) da SBPdePA realizou, ao longo desses anos, inúmeras reuniões científicas com discussões clínicas e teóricas, trazendo convidados do Brasil, da Argentina e do Uruguai. A liderança da colega Ana Rosa S. Trachtenberg foi de fundamental importância, sendo a primeira coordenadora do NIA e promoveu "A 1° Semana da Infância e Adolescência na SBPdePA" em 2003. Também atividades junto à comunidade solidificavam o investimento nessa área.

Nesse solo fecundo e numa ação conjunta do NIA, do Instituto e da Sociedade, em 2007, foi aprovada pela IPA a Formação Analítica em Psicanálise da Infância e Adolescência da SBPdePA. Inicialmente, a formação seguia um padrão mais tradicional, sendo que somente após o término da formação geral seria possível começar a formação na área de infância e adolescência. Os seminários eram fixos e anuais, além das duas supervisões exigidas (criança e adolescente).

Virginia Ungar, atual presidente da IPA, fez parte da criação de um Comitê de Formação Integrada na IPA, abrindo a possibilidade de que o colega que iniciasse sua formação psicanalítica poderia fazer seminários da área de infância e adolescência desde seu ingresso em



seminários. Esse programa também oportunizava que mesmo aqueles que não pretendiam ser analistas de crianças ou adolescentes pudessem estudar temáticas dessas faixas etárias ou do infantil que habita em todos nós. Também agradecemos à Virginia Ungar não somente por seus seminários e supervisões em nossa sede durante vários anos, mas também por nos inspirar nesses avancos.

Em 2016, o Instituto de Psicanálise da SBPdePA dá início à integração da Formação Geral com a Formação em Psicanálise da Infância e Adolescência, criando o Projeto de Formação Integrada Infância/Adolescência/Adultos, possibilitando que o Membro do Instituto possa participar dos seminários oferecidos na área de crianças e adolescentes desde o começo de sua Formação Analítica.

Queremos festejar, cumprimentar e agradecer ao grupo de colegas que desde 2000, coordenando, participando dos seminários ou trazendo material clínico para as supervisões, gestou e criou esse bebê que agora já completou 20 anos, encontrando-se com muita energia para viver o presente e seguir criando o futuro. Nossos agradecimentos especiais às coordenadoras do NIA, Ana Rosa S. Trachtenberg, Vera H. P. Mello, Mayra D. Lorenzoni, Eluza M. N. Enck, Marlise S. Albuquerque e Aline Pinto da Silva, bem como às coordenações da Comissão de Psicanálise de Infância e Adolescência do Instituto de Psicanálise, com os colegas Vera H. P. Mello, Mayra D. Lorenzoni, Eluza M. N. Enck, Ângela B. S. Piva e César A. Antunes.

O infantil que nos habita nos traz o lúdico e é fonte potencial de criatividade e de inspiração. Salve o bebê, a criança, o adolescente e o adulto que brincam, se emocionam e pensam dentro de nós e entre nós!

Parabéns à Brasileira!

Parabéns à Formação Integrada da SBPdePA!

Ane Marlise Port Rodrigues
Presidente da SBPdePA - Gestão 2020-2021

Formação integrada: uma psicanálise em movimento

Aline Pinto da Silva

Membro associado da SBPdePA



O convite para escrever um depoimento sobre minha formação em Psicanálise da infância e adolescência fez com que eu entrasse no túnel do tempo e revisitasse lembranças que datam de uma época anterior ao início da própria formação. As datas não tenho muito presentes, mas os registros são muito vivos. Eu fazia parte do NIA quando fui convidada a me juntar a um grupo de colegas, com muito mais experiência, para ajudar a selecionar textos para formulação do programa de Formação da Infância e Adolescência da "nossa Brasileira". Era apenas uma primeira seleção, que depois foi revisada e aprimorada por outro grupo de colegas. Eu me senti muito honrada em colaborar.

Foram vários encontros em que começava a ser delineado o clima que, mais tarde, durante a própria formação de infância e adolescência, pude experimentar: um clima de muita troca, parceria, respeito e escuta. Um verdadeiro ensaio propiciado pelos colegas mais experientes que dividiram seu saber com muita generosidade. Esse tipo de acolhimento produziu em mim um sentimento muito forte de pertencimento que, como consequência, gerou o desejo de ficar na instituição, de trabalhar pelo seu desenvolvimento.

Hoje, penso que essa é uma marca importante, não só para mim, a da origem, da estrutura da nossa formação. Sem dúvida, esse tipo de marca é um dos fatores que propiciaram que chegássemos ao projeto de Formação Integrada, hoje vigente.

O projeto de Formação Integrada diz de uma instituição que integra seus membros, que entende a psicanálise de forma articulada, dinâmica, em que o estudo da infância e da adolescência faz parte da formação analítica, independentemente de se trabalhar ou não na clínica com essas faixas

etárias, pois o infantil está sempre presente em todos nós. Diz de uma instituição que propicia uma travessia pela formação psicanalítica em que seus membros do Instituto se sentem pertencentes e capazes de fazer escolhas do caminho a ser trilhado para um eterno vir a ser do psicanalista.

A minha formação em infância e adolescência ainda foi no modelo tradicional, mas extremamente rica, tanto que continuei participando dos seminários da infância e adolescência, mesmo tendo terminado o programa básico. Estamos sempre em constante processo de formação. No entanto, penso que o formato atual é muito mais interessante e criativo, propiciando um contato com uma psicanálise mais viva, entranhada e preocupada com questões do nosso fazer analítico, para muito além das fronteiras da clínica.

Sinto muita gratidão e orgulho por pertencer à nossa Brasileira.

História da psicanálise da infância e adolescência na Brasileira¹

Ana Rosa Chait Trachtenberg

Membro titular, fundador e didata da SBPdePA. Fundadora e primeira coordenadora do Núcleo de Infância e Adolescência da SBPdePA.



Boa noite a todos! É uma grande satisfação e uma honra estar aqui hoje nesta festa. Agradeço muito ao convite dos colegas para celebrar a

recente aprovação, pela IPA, da Formação Integrada da Brasileira.

¹ Palavras proferidas na comemoração Formação Integrada – do sonho à realização, em 21/10/2020.

Saúdo a presença de Virginia Ungar, atual Presidente da IPA e criadora, quando *chair* de COCAP, da Formação Integrada, Sérgio Nick, vice-presidente da IPA, e Nilde P. Franch, *chair* de COCAP. São queridos e importantes colegas da história da celebração que nos reúne hoje.

Como cofundadora da SBPdePA, vou contar, se me permitem, um pouquinho da pré-história da Formação Integrada.

Corriam os anos da década de 1990 e Susana Lustig de Ferrer, prestigiada psicanalista de crianças da APA, *chair* do Sponsoring Committee, do que viria a ser a Brasileira, cumpria também a função de co-*chair* para América Latina da COCAP, Comitê da IPA para Infância e Adolescência, criado pouco antes. Bem, a cada visita do comitê, a querida e saudosa Susana "me pegava de jeito" dizendo: "Devem iniciar já com a área de infância e adolescência!!!"

Não tive mais remédio do que fazê-lo. E foi a partir desse fundamental estímulo que, junto a vários colegas, iniciamos, já em 2000, atividades internas e seminários optativos, inaugurando o que se transformou em tradição: convidar colegas de São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires, fazendo jus à nossa privilegiada situação geográfica. Susana Ferrer ofereceu históricas supervisões com material clínico de crianças e adolescentes, brindado por colegas de nossa sociedade, marcando, dessa forma, um momento inaugural.

Em 2002, foi criado o querido NIA (Núcleo de Infância e Adoles-cência da SBPdePA), do qual tive a honra de ser a primeira coordenadora durante a presidência de Leonardo Francischelli. Nesse período, através da Cláusula do Avô, da IPA, vários experientes colegas obtiveram a sua titulação de Analistas de I e A pela IPA. Mais adiante, houve uma nova rodada, oportunizando que nosso movimento interno fos-

se ganhando mais força em nossa jovem sociedade.

Já em 2003, organizamos a primeira semana do NIA. Com o apoio do Instituto, utilizávamos os horários regulares de seminários para diferentes atividades, interagindo com diferentes áreas da cultura e da comunidade, culminando com uma jornada propriamente dita, aberta ao público, ao final daquela semana. Em 2004, homenageamos Susana Ferrer, batizando com seu nome a Jornada do NIA.

Pouco tempo depois, sob a presidência de Newton Aronis, o NIA foi escolhido para apresentar um projeto ao programa DPPT (Developing Psychoanalytical Practice and Training) da IPA e fomos agraciados com uma importante verba. Isso nos deu fôlego para o custeio de seminários regulares com convidados, atividades voltadas à comunidade, palestras a pais, entre outros materiais de divulgação. O original e saudoso ciclo de desenhos animados na Livraria Cultura (em parceria com a Diretoria Científica), cuja imagem então utilizada trouxemos para o convite da celebração de hoje, é inesquecível.

Nossa marca, a do diálogo e interação com a comunidade e a cultura foram se afiançando cada vez mais.

A lembrança das noites em claro para o envio do projeto do NIA ao DPPT dentro do prazo até hoje rendem boas risadas pelos "riscos" que corríamos na sede da Quintino Bocaiúva. Vera Mello, nossa coordenadora, Alice Cacilhas, Astrid Ribeiro, Lisiane Cervo, Marlise Albuquerque e Mayra Lorenzoni certamente sabem do que estou falando. Da mesma forma quando fomos selecionados para mostrar nosso belíssimo material no Congresso da IPA no Rio de Janeiro em 2005 e, ali, descobrimos, no calor da apresentação, que na plateia havia quase exclusivamente europeus e americanos, tivemos que traduzir ao inglês de improviso! Ficou a

nossa alegria pela admiração e surpresa demonstradas pela audiência. Naquele momento, tal profusão de propostas e cores era impensável para aquelas culturas.

Voltando agora para nosso desenvolvimento interno, quero destacar, enfaticamente, a importância do que chamo "período Virginia Ungar". Durante três anos, Virginia esteve mensalmente conosco para seminários teóricos e clínicos, além de participar de nossas jornadas em concorridos e apreciadíssimos encontros na sextas-feiras à tarde. Virginia se mostrava sempre disponível e preparada. Sua presença, capacidade e entusiasmo foram fundamentais e fundantes tanto para nosso NIA quanto para o momento seguinte, que foi a aprovação, pela IPA, da Formação de Infância e Adolescência na Brasileira em 2007.

E aqui temos um divisor de águas: NIA e Formação I A seguem caminhos independentes, em fraterna colaboração que segue até a atualidade. O primeiro ligado à diretoria da Sociedade, e o segundo ao Instituto.

Foi assim que, a partir de 2007, na gestão de Júlio Campos como diretor do Instituto, uma cadeira foi reservada ao coordenador da Formação de Infância e Adolescência. Vera Mello a ocupou, seguida de Mayra Lorenzoni, Eluza Enck, Ângela Piva e César Antunes.

E o NIA seguia seu frutífero e reconhecido caminho sob a batuta de Vera Mello, Mayra Lorenzoni, Eluza Enck, Marlise Albuquerque e atualmente Aline Pinto, que em breve estará também à frente da Diretoria de Infância e Adolescência da FEPAL, o que muito nos honra.

Através da FEPAL, sediamos, em 2013, o encontro inter-regional, na gestão de Sergio Nick como diretor de I e A. Tivemos a honra de representar a região centro da FEPAL na inauguração desses encontros, em 2005, na gestão de Asbed Aryan. Ao mesmo tempo, as dire-

torias do Instituto da SBPdePA, em especial nas gestões de Gley Costa, Ane Marlise Port Rodrigues e Silvia Skowronsky, foram encaminhando a formidável transformação que nos conduziu à Formação Integrada, aprovada pela COCAP/PEC IPA em 2020 e que festejamos hoje. O formato de seminários do nosso Instituto é, e foi, profundamente facilitador dessa transformação saudável e louvável.

Aqui também um reconhecimento a Nilde Franch por sua atenção e disponibilidade, bem como a Monica Cardenal, de Buenos Aires, e Leena Kloochard, da Finlândia, que avaliaram a proposta da SBPdePA para Formação Integrada, respectivamente pela COCAP e pelo PEC (Comitê de Educação da IPA).

Na atualidade, contamos com um *mix* geracional entre os analis-

tas de I A da SBPdePA, sendo vários os colegas já egressos de nossa Formação em I A.

CONQUISTA DE TODOS NÓS DA BRASILEIRA, realizada por muitas mãos, tendo seu início 'há mais de 20 anos!

Não posso nem gostaria de finalizar sem antes salientar a incansável coconstrução e parceria dos colegas da casa, além de agradecer aos visitantes que, com muita generosidade, nos acompanharam nessa empreitada com seminários regulares ou participação em jornadas.

Estiveram conosco (em ordem aleatória):

- 1. Susana Ferrer;
- 2. Marcelo Viñar;
- 3. Maren Viñar;
- 4. Vera Fonseca;
- 5. Nilde Franch;
- 6. Asbed Aryan;

- 7. Cláudia Borensztejn;
- 8. Carlos Moguillansky;
- 9. Arnaldo Smola;
- 10. Sérgio Nick;
- 11. Victor Guerra;
- 12. Miguel Leivi;
- 13. Alicia Lisondo;
- 14. Edna Vilete:
- 15. Raquel Zac de Goldstein;
- 16. Sonia Abadi;
- 17. Javier Garcia:
- 18. Gina Levinzon;
- 19. Virginia Ungar.

Virginia Ungar, "mãe" da Formação Integrada, enquanto *chair* da COCAP e nossa "madrinha".

Bem, e sobre o que é formação integrada, vou deixar que Virginia mesmo nos conte, na entrevista que Aline Pinto coordenará a seguir!

Obrigada a todos pela presença e pela escuta.

O infantil-interno-eterno-terno.

Formação Integrada – Um legado para as próximas gerações

Ângela Piva

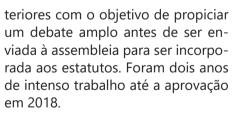
Membro associado da SBPdePA

Tive o prazer de fazer parte da diretoria do Instituto na gestão 2016-2018 sob o comando de Gley Costa, juntamente com as colegas Ana Rosa Trachtenberg, Ane Marlise Port Rodrigues e Helena Surreaux, como coordenadora da Comissão da Infância e Adolescência e, ao longo dessa gestão, colocar em movimento uma perspectiva inovadora de formação dentro da IPA.

O projeto de Formação Integrada elaborado pelo comitê da IPA, coordenado pela Dra. Virginia Ungar, encontrou eco nessa diretoria e nos estimulou a elaborar um projeto de formação integrada adaptado à realidade de nossa sociedade. Esse desafio propiciou um movimento de revisão e discussão da formação,

agregando-se os conhecimentos teóricos oriundos do campo da análise de crianças, adolescentes e famílias que indiscutivelmente enriquecem a formação analítica.

Nossa primeira proposta foi a de que os seminários que compunham o eixo obrigatório da formação de infância e adolescência fossem abertos a todos os membros da sociedade, de forma que fossem validados como carga horária de seminários eletivos. Para tanto, fizemos uma ampla revisão dos programas com o grupo de analistas que ministrava esses seminários, aproveitando sua experiência no modelo até então vigente. Na sequência, essa proposta foi enviada aos membros da Sociedade e discutida em reuniões pos-



Pessoalmente, considero um grande privilégio ter feito parte desse processo que culmina, em 2020, com a aprovação da IPA e comemoro com todos os colegas da Brasileira o pioneirismo no Brasil. Esse é um legado extremamente valioso para as próximas gerações de analistas. Um modelo integrado que, além de promover um exercício de liberdade e abertura, estimula que mais colegas possam formarse como analistas de crianças e adolescentes.



Sobre uma formação integradora

Cesar Augusto Antunes

Membro titular da SBPdePA. Coordenador da formação integrada de infância e adolescência



Quem se aproxima por primeira vez da psicanálise, pode ter a falsa impressão que existe uma psicanálise dirigida para crianças e adolescentes e outra para adultos. Esse mal-entendido se estruturou sobre uma divisão apenas didática de uma robusta teoria sobre o funcionamento psíquico.

Portanto, restabelecer o fato que as separações teóricas são somente uma forma de facilitar o estudo desta complexa criatura humana é um objetivo a ser comemorado. Integrar os estudos profundos sobre a alma humana em suas diferentes fases é, antes de mais nada, uma conquista.

Assim, acreditamos que uma formação integrada em Psicanálise que aproxime, numa mesma e continuada aquisição de saberes, os fatos estruturantes do aparelho psíquico resultantes das inúmeras experiências, traumas e

satisfações, constitui um investimento momentoso para a ciência psicanalítica.

O reconhecimento, por parte da Associação Internacional de Psicanálise, dessa nova forma de transmissão do conhecimento dentro dos institutos indica também o amadurecimento conceitual. Havia, no passado recente, uma psicanálise de "criança" ou uma psicanálise "infantil" em contraste com uma psicanálise de "adultos", a verdadeira e profunda psicanálise. Esquecia-se então que tratamos, em verdade, os aspectos regredidos, as neuroses infantis, a sexualidade infantil, os traumas infantis. Também outros aspectos encontrados no comportamento adulto revelavam a importância dos primeiros anos de vida, como a compulsão à repetição ou à sexualidade perversa polimorfa.

A percepção desses fenômenos conduziu à conclusão que a
psicanálise "infantil" era um assunto sério; contribuições como
a observação de bebês ou os estudos sobre o desenvolvimento
psíquico de crianças e adolescentes poderiam fornecer informações para a ampliação do conhecimento e a integração dos
saberes e, consequentemente,
aumentaria o escopo e a abrangência da teoria e técnica da psicanálise.

Temos agora, em nossa Sociedade e em seu Instituto, uma "boa nova". Saudamos, então, o trabalho de muitos colegas e estudiosos que contribuíram para esse feito. Somos a primeira instituição brasileira a ter uma formação integrada. Construímos, dessa maneira, uma formação que, mais do que integrada, é integradora.

Criar, construir, desenvolver, integrar, crescer: a formação integrada e a construção de um pensamento psicanalítico

Eluza Maria Nardino Enck

Membro titular em função didática da SBPdePA e psicanalista da infância e adolescência (IPA)

Glória Radino, em seu livro Contos de fadas e realidade psíquica, lembra Peter Pan, dizendo:



Um dia, Peter Pan disse que quando uma criança afirma que não acredita em fadas, morre uma fada... Quando um adulto fala que a fantasia de uma criança não existe e tenta trazê-la precocemente ao mundo racional, mata não só uma fada, mas uma parte de sua infância.

E eu diria que mata uma parte de seu mundo interno, construído neste tempo constituído pelo imaginário.

A partir das ideias de Ferenczi, podemos pensar o quanto nós, psicanalistas, aprendemos com a criança em nossa importante tarefa de traduzir símbolos; são elas quem mais têm a nos ensinar do que o inverso. "Os símbolos são a própria língua das crianças, só temos que ensiná-las a se servirem deles".

Desde a oportunidade de estar em uma condição privilegiada de observar e vivenciar o desenvolvimento de um bebê, desde os primeiros momentos da sua relação com o seu ambiente, em sua relação com a família mais próxima e descobrir, in natura, como se originam e se desenvolvem essas relações; continuando com a experiência de acompanhar em tratamento uma criança bem pequena, e mesmo maior, e poder intuir como era quando bebê, compreender seus jogos ou a ausência deles em comunicações não verbais, a compreensão do desenvolvimento do indivíduo desde seu início, bem como as dificuldades que podem se colocar ao longo do caminho; temas que vão abrindo espaço para uma escuta e um olhar bastante sensíveis e enriquecedores na constituição de um pensar psicanalítico.

Começamos observando para depois analisar e refletir sobre o que observamos. "Unicamente" observar, recolher dados livres de qualquer interpretação se mostra difícil. Observar e sentir antes de se apressar em teorizar; aprender a tolerar e, desprendendo-se de ideias pré-concebidas, acompanhar o paciente em suas descobertas e busca de soluções, confiar em suas escolhas, em sua maneira muito própria e individual, são aprendizados muito requeridos na psicanálise dos bebês

com seus pais, das crianças e dos adolescentes.

Elena Molinari, uma psicanalista italiana, fala de uma "contaminação" quando aborda a relação entre a análise de crianças e adultos.

Os primeiros passos da psicanálise com crianças encontrava Freud baseando-se na ideia de que esta análise não poderia satisfazer o que se considerava indispensável, naquela época, para o tratamento analítico. Este necessitava de um Ego desenvolvido o suficiente e a presença de um trauma reprimido a ser curado em revivência na neurose de transferência.

No contraponto a Freud, Melanie Klein vinha demonstrar a presença de um Ego primitivo, capaz de produzir fantasias desde os primeiros meses de vida. A partir de então, e com a contribuição de Susan Isaacs, a fantasia inconsciente assumiu, naquele momento, uma posição cada vez mais central no processo analítico, e coincidindo com uma atividade inconsciente presente desde o nascimento.

Inicialmente fonte de muitas controvérsias, o debate foi se tornando amigável e hoje nos permite um diálogo em que as duas artes – a psicanálise de crianças e a de adultos – se influenciem e se estimulem uma à outra em nosso fazer clínico.

Ferro e Basile (como citado em Molinari) afirmam que "uma vez que as duas práticas se reforçam mutuamente, a análise de crianças pode refinar a sensibilidade do analista a outras formas de expressão que não as palavras".

E na adolescência, com todas as transformações para processar, entre tantas passagens a trilhar e "tarefas" a realizar, a de transformar o que era o brincar na criança, como atividade criativa, gratificante e prazerosa, como prática significante, no que conhecemos com o nome de trabalho; ". . . um quan-

tum significativo da ordem do desejo, que se manifesta ou desdobra na atividade do brincar, deve passar para a atividade, que em linhas gerais, chamamos de trabalhar...", de acordo com Rodulfo em *O brin*car e o significante. Os adolescentes, em sua maneira tão particular de se colocarem frente ao trabalho analítico, nos ensinam mais e mais.

Além do mais, é necessário que a psicanálise possa abrir um espaço para o importante trabalho da prevenção. Importante reconhecer que é chegado o momento em que se visibilize a problemática que pode apresentar a infância e a adolescência e se pense em compreendê-las e atendê-las.

Muito importante pensar, refletir sobre os conhecimentos que viemos adquirindo nessas áreas desde a clínica, desde as pesquisas para pensar em estratégias preventivas, incluindo o âmbito das problemáticas sociais.

Quando falamos em buscar uma formação que contemple e amplie o olhar desde o bebê e ainda antes, a partir da compreensão das transmissões transgeracionais que o encontram, estamos falando em prevenção, e a psicanálise está sendo cada vez mais requerida a enfocá-la.

Como disse nossa colega Aline Pinto, quando da apresentação da proposta para direção da Fepal, "cuidar da infância e da adolescência é cuidar da psicanálise".

Na Brasileira, a possibilidade de experienciar e desenvolver essas diferentes artes, que hoje está contemplada na Formação Integrada, vem se esboçando e se construindo, de alguma forma, desde muito cedo em sua história. Desde os primeiros tempos, ainda como Sociedade Provisória, e com as visitas do Sponsoring Committee, todo o incentivo e estímulo que vinham da nossa querida Susana Lustig de Ferrer para que se desenvolvesse esta área da infância e adolescência. Em um encontro, compartilha comigo uma percepção: identifica em nossa Sociedade uma "vocação" para desenvolver uma formação psicanalítica criativa na qual o lúdico e o espontâneo teriam seu espaço preservado e os estudos sobre a infância e a adolescência encontrariam um terreno fértil para se desenvolverem. E assim foi feito, no decorrer destes anos, com a participação de um, cada vez maior, grupo de colegas e da Brasileira como um

todo, fazendo crescer mais e mais o leque de experiências, vivências e aprendizado. A observação de bebês, o estudo dos vínculos e da transgeracionalidade vieram ampliar e aprofundar ainda mais este aspecto.

Estamos de parabéns e orgulhosos por essa caminhada e por esse desfecho. O caminho vai se abrindo à frente e outras áreas de estudo e prática vão se apresentando. Agora, um de nossos desafios parece voltar-se para área so-

cial, que deverá vir para *integrar-se* em nossa Formação.

A jovem adulta SBPdePA vem crescendo com muita vitalidade e consistência, porque assistida desde o ventre, e ao longo do desenvolvimento, por casais parentais suficientemente bons, construindo bases firmes para que a sucessão das gerações possa manter e continuar fazendo-a crescer e realizar. E isto é o que vem acontecendo, com criatividade, energia e competência.

A ORMB na Formação Integrada da SBPdePA

Ester Malque LitvinMembro associado da SBPdePA

Em junho de 2012, Eluza Enck e eu, Ester Malque Litvin, encaminhamos ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre um Projeto de ORMB (Observação da Relação Mãe-Bebê – Método E. Bick) para inclusão dessa experiência em nossa sociedade. Fomos com muitos argumentos, mas não foram necessários - nosso Instituto, na época, dirigido pelos colegas José Luiz Petrucci (Diretor), Gildo Katz (Coordenador de Formação) e Mayra Lorenzoni (Coordenadora da Subcomissão da Infância e Adolescência), estava maduro para aprovar esse projeto, sequindo uma tendência no mundo inteiro.

E, em 17 de abril de 2013, anunciávamos, com muita satisfação, que a experiência em ORMB estava sendo oferecida como seminário opcional a todos os membros da Brasileira e como curricular para os colegas que iniciassem a formação em Psicanálise da Infância e Adolescência.

Dávamos, assim, os primeiros passos para a Formação Integrada de Psicanálise de Adultos e da Infância e Adolescência, movimento que integrou um antigo desejo da SBPdePA e a proposição do comitê da IPA, coordenado pela Dra. Virginia Ungar, que "legitima a constatação de que os conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento configuram-se como parte importante da teoria psicanalítica, sendo uma incorporação valiosa à formação".

Primeiros passos que se consolidaram com a nossa solicitação sendo referendada pela IPA em agosto de 2020. A SBPdePA passa, assim, a ser a primeira Sociedade Psicanalítica, no Brasil, a contar com a formação integrada.

O método Bick, como é chamado, foi criado pela psicanalista inglesa Esther Bick que, em 1948, o incluiu no curso para psicoterapeutas de crianças na Clínica Tavistock de Londres e, em 1960, no programa do primeiro ano do Instituto de Psicanálise da Sociedade Britânica.



Para Esther Bick, a ORMB era importante, principalmente, para se compreender a experiência infantil dos pacientes de qualquer idade, ou seja, para que o analista pudesse intuir como foi seu paciente quando bebê, para afinar a compreensão do analista sobre a comunicação não verbal dos pacientes, tanto crianças quanto adultos, como excelente oportunidade para observar o desenvolvimento de um bebê desde o nascimento, na sua relação com a família e descobrir como se originam e se desenvolvem essas primeiríssimas relações e para permitir aprofundar os aspectos do desenvolvimento precoce e a psicopatologia ligada aos mecanismos de defesa precoces dos bebês.

A ORMB tem como objetivo primeiro a formação dos psicanalistas (nem pesquisa, nem terapêutico) por meio do "aprender a observar" sem intervir e sentir antes de teorizar e interpretar.

Nessa experiência, o observador deve se sentir suficientemente incluído na família para experimentar o "impacto emocional" sem se sentir comprometido a desempenhar qualquer papel, introduzindo a menor distorção possível no que acontece e mantendo uma posição a menos crítica possível em relação ao que observa; deve evitar situações que envolvam intensa transferência infantil e, portanto, contratransferência; é um "observador participante privilegiado e grato". O enquadre serve para criar um espaço no qual o inesperado possa acontecer, livre de *a priori*.

Além disso, trata-se de uma situação de observação do bebê em condições banais, na família, o que constitui um aspecto original e um aporte formador desse método na medida em que, em nossas formações, aprendemos sobre a patologia e sobre a criança em coletividade (os estágios são feitos em creche, em hospital ou em clínicas terapêuticas), provocando um viés e uma deformação sistemáticos de todos os profissionais da saúde.

O método Bick inclui um seminário de supervisão semanal e em grupo, quando as observações relatadas são lidas e comentadas sistemática e sucessivamente, buscando delinear padrões de conduta e de comunicação mãe-bebê, localizar no passado e olhar para o futuro, esclarecer as projeções, os conflitos internos da dupla observada e do próprio observador e esclarecer o impacto, no observador, dos fenômenos observados na dupla mãe-bebê.

Se, como refere M. Harris, é completamente possível ajudar a maioria dos pacientes sem nenhuma referência explícita ao seu primeiro ano de vida, nós sempre estamos diante do infantil das pessoas cuja psicopatologia se origina mais ou menos nesse período primário.

Houzel afirma, na mesma linha, que "pode ser de grande ajuda . . . para ampliar a capacidade de entrar em ressonância com as fantasias mais arcaicas que ressurgem nos tratamentos e que têm sempre uma raiz infantil".

Tais ideias põem em xeque o "dogma" que prevalece em certos meios psicanalíticos segundo o qual a psicanálise nada tem a aprender nem com a clínica, nem com a observação dos bebês ou das crianças pequenas. E convidam a refletir sobre o processo de après-coup, uma vez que o observado na clínica do adulto diz respeito a uma história tão remaneja-

da que torna impossível basear-se nela para inferir o que e como se passou na primeira infância.

> O interesse pelas experiências primitivas, pelo desenvolvimento precoce da subietividade, não se reduz à clínica da criança. A questão de saber qual é o devir psíquico das experiências que precedem o aparecimento do aparelho de linguagem verbal, e qual impacto podem ter sobre o funcionamento psíquico futuro, diz respeito ao conjunto da clínica, portanto, tanto a da criança, do latente, quanto do adolescente e do adulto.

Nesses termos, Roussillon corrobora e contribui para a discussão sobre o infantil e a infância, que promete ser muito fértil enfatizando a importância do olhar sobre o infantil que habita nossos pacientes de qualquer idade.

E, por isso, a ORMB faz parte dos seminários que compõem o eixo obrigatório da Formação de Infância e Adolescência e é aberto a todos os membros do Instituto e da Sociedade.

Formação integrada criança, adolescente e adulto: para uma Psicanálise indivisível

Mayra Dornelles Lorenzoni

Membro associado da SBPdePA

Ao receber o convite do colega César Antunes para escrever algo sobre a formação integrada, tendo em vista o reconhecimento pela IPA de nossa Formação Integrada de criança, adolescente e adulto, em junho deste ano, experimentei num primeiro momento

um profundo orgulho de nossa Sociedade ser a primeira no Brasil com esse modelo de formação oficializado pela IPA. Num segundo momento, reportei-me saudosamente ao ano de 2016 quando participei, junto a um grupo de colegas da Brasileira da área de infância e adolescência, a pedido do Instituto de Psicanálise, da elaboração do programa de Formação Integrada da criança, do adolescente e do adulto.

Foram momentos muito fecundos, vibrantes e de sensível preocupação em buscar a melhor



inserção possível dos conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento emocional primitivo para esse novo modelo de formação. Dentro dessa perspectiva, construímos um projeto adaptado às características de nossa Sociedade, somado à expectativa de revisar a formação no sentido de novos temas de estudo, discussões clínicas, culturas de inserção e diversidade de pensamentos.

Termos recebido esse reconhecimento foi um momento marcadamente histórico para a nossa Sociedade. Essa conquista nos levou do desejo à realização da integração da clínica da criança e do adolescente na clínica do adulto, e da clínica do adulto na clínica da infância e adolescência.

Muitas vezes me perguntava, durante a minha formação de adulto, qual era o lugar da psicanálise da criança e do adolescente e como poderíamos ser genuínos psicanalistas trabalhando com crianças e adolescentes?

Paralelamente a esse questionamento, ponderava que não deixávamos, de certo modo, de trabalhar com os adultos, pais desses nossos pacientes, pais que, por sua vez, transferiam em certa medida seu infantil para nós, analistas de seus filhos. Portanto, a Psicanálise é única, impartível; logo, acredito que a formação no pilar ensino teórico deva contemplar todas as fases do desenvolvimento emocional.

Uma das ideias estimuladoras era a de tornar mais ativos os seminários clínicos, nos quais pudessem ser articuladas supervisões para casos de crianças, adolescentes e adultos, integrando clínicas diferentes, o que promoveria enriquecimento mútuo da percepção de aspectos em comum e das diferenças da técnica de acordo com a faixa etária e com os estados de mente dos pacientes, uma vez que uma

criança pode estar funcionando no estado pseudomaduro e um adulto funcionando com um estado de mente adolescente. Somado a isso, o surgimento, também nesse paciente adulto, de sua parte infantil, que é mais pulsional e que, por vezes, pode impactar por estar operando muito em processo primário na contrapartida do que o analista pudesse esperar contar com a presença do processo secundário, e esse fato psíquico pode se tornar um elemento complicador e resistencial para um psicanalista que trabalha apenas com adultos.

Outro ponto muito relevante é a inserção no programa da Observação da Relação Pais-Bebê, um exercício de desenvolvimento de um olhar não só para o bebê e sua relação com sua mãe, mas também um olhar para dentro de nós, para nossas vivências primitivas e para o que experimentacontratransferencialmente durante aquela observação. Além disso, um aprimoramento de nossa percepção em relação às comunicações que o bebê estabelece com seu entorno por meio de sua linguagem corporal, facial, sons emitidos, seus silêncios, seu olhar e suas direções. Essa sequência da linguagem não verbal e paraverbal vai surgir também no jogo, no desenho e no seu brincar. Em contrapartida, os psicanalistas de adultos que não têm experiência com pacientes do espectro autista, psicóticos, com quadros do desvalimento ou da psicossomática, não desenvolvem a capacidade de observar aquelas manifestações que são da ordem do não verbal.

Outro ponto a ressaltar é que os psicanalistas de adultos estão comprometidos com a análise da neurose infantil de seus pacientes. Cabe a nós interligar esses processos que ocorrem na relação com os nossos pacientes do bebê ao adulto e a formação integrada capacita para essa condição.

Em alguns momentos do processo analítico de determinados pacientes adultos, a palavra do analista pode cair numa "não escuta", num terreno insensível e, muitas vezes, o que nos resta é lançar mão de "brincar" com esse adulto, tratando de criar o espaço lúdico, do jogo, do humor, e o brincar aqui adquire então a função de ligar dinamicamente o processo primário com o secundário.

Se levarmos em conta o crescente entendimento da ação dos mecanismos primários na origem das patologias mentais, vemos o quanto isso foi impulsionando os analistas a buscarem maior conhecimento da área de infância e adolescência para ampliar o desenvolvimento de teorias e práticas clínicas a fim de poder trabalhar mais efetivamente com esses casos. Portanto, passou a tornar-se uma condição necessária agregar à formação de analistas de adultos o estudo de teorias que abarcassem o desenvolvimento psíquico desde o seu princípio, possibilitando o surgimento de novas intervenções terapêuticas que potencialmente produziriam uma maior penetrância psíquica com o propósito de acessar a "criança" no adulto.

Concluo, considerando dentro de uma perspectiva otimista, que a experiência da formação integrada traga consigo o aprendizado da aceitação e da articulação das diferentes teorias, das visões diferentes do que é a psicanálise, das distintas formas de sentir, escutar, compreender e ser psicanalista numa trajetória rica de convívios com pensares e subjetividades diversas que capacitará ainda mais o analista em formação, tornando-o mais completo e criativo no seu fazer psicanalítico.

Momentos do Núcleo de Infância e Adolescência na SBPdePA

























Formação Integrada: por quê? Para quê?

Nilde Parada Franch

Analista didata, analista de crianças e adolescentes da SBPSP; chair do Comitê de Psicanálise de criança e adolescente (COCAP) da IPA; editora do Livro Anual de Psicanálise.



INTRODUÇÃO

Quando a Associação Psicanalítica Internacional (IPA) criou o Comitê de Psicanálise de Criança e Adolescente (COCAP) em 1997, sacramentava-se o reconhecimento da importância da psicanálise com crianças e adolescentes já praticada há quase cem anos, quando as notáveis analistas Anna Freud e Melanie Klein iniciaram suas experiências de analisar criancas.

Um dos principais objetivos do COCAP é promover conhecimento sobre psicanálise de crianças e adolescentes dentro e fora da IPA. Como sabemos, a psicanálise é um corpo de conhecimentos, uma teoria e uma técnica intimamente relacionados e que são igualmente importantes para a formação de futuros analistas. No conjunto de seu corpo teórico, é difícil discriminar o que foi adquirido na experiência de analisar adultos daquilo que foi fruto do trabalho com criancas. Os trabalhos de Klein sobre os processos de constituição do psiquismo, os estágios primitivos da mente, os estágios iniciais do complexo de Édipo, a substancial importância dos mecanismos de cisão, projeção, introjeção e identificação projetiva levaram a mudanças na técnica, que depois foram sendo ampliadas pelos pós-kleinianos Bion, Winnicott, Ogden e muitos outros.

A partir de sua criação, o COCAP tem realizado muito

trabalho, tanto no sentido de colaborar com os institutos de Psicanálise que desejam ter uma formação específica em análise com crianças e adolescentes como na qualificação individual de analistas que há muito atendem a esse grupo, mas cujo Instituto ao qual sua Sociedade pertence ainda não tem um programa de formação específica e também na qualificação de programas de formação integrada. Estando presente desde os primeiros momentos da criação do Comitê, sou testemunha do grande esforço dedicado a promover e divulgar conhecimentos obtidos da experiência de analisar criancas e adolescentes.

Passados quase 23 anos desde a instalação do Comitê, vimos esses conhecimentos sendo ampliados e enriquecidos; a crescente aceitação pelas várias correntes teóricas da noção de um psiguismo aberto para o intercâmbio com o 'outro' (e seus vários 'outros') desde o início da vida, levou ao reconhecimento da importância das primeiras relações objetais na constituição do psiguismo. O conhecimento sobre o funcionamento mental primitivo, a construção do processo de simbolização relacionada ao desenvolvimento do ego, a percepção da situação edipiana iniciada bastante precocemente em relação ao Édipo freudiano, assim como a constituição do superego, o processo de separabilidade/alteridade, a importância do mecanismo de

identificação projetiva, entre outros, são considerados fundamentais para a formação do futuro analista. Dizendo em outras palavras, preparar o futuro analista para "escutar" os ecos da mente primitiva.

Como resultado de muitos anos de experiência clínica, membros do COCAP tomaram a iniciativa de propor um programa de **Formação Integrada**, que foi aprovado pelo Board da IPA. Devemos muito a Virginia Ungar e a Florence Guignard pela proposição dessa ideia e dos requisitos mínimos para o programa de Formação Integrada.

O MODELO DE FORMAÇÃO INTEGRADA

Esse modelo pode ser utilizado por todos os institutos, sociedades e organizações componentes da IPA para a formação de analistas de crianças, adolescentes e adultos.

Cada instituição tem a liberdade para desenhar o programa que mais se adapte à sua realidade. A ideia não é acrescentar mais cursos obrigatórios; ele pode ser construído de maneira a se alinhar com o modelo já existente em cada instituto.

Não se espera que todo candidato/analista tenha intenções de trabalhar com crianças e adolescentes. Entretanto, poder-se-ia propor que algumas partes do programa específico de aná-

lise de crianças e adolescentes fossem abertas a todos os candidatos e para os membros da Sociedade.

Assim, o programa de formação de um instituto poderia oferecer três opções: 1- para a formação em psicanálise com adultos; 2- para a formação em psicanálise com adultos e participação opcional em cursos da formação específica, e 3- a formação integrada para o trabalho com adultos, adolescentes e crianças.

O modelo de **Formação Integrada** da IPA propõe alguns padrões mínimos no que se refere à análise com crianças e adolescentes:

- Modelo do desenvolvimento em Freud e nos pós--freudianos; estrutura e funcionamento psíquico;
- Teoria da técnica e seminários clínicos que incluam crianças, adolescentes e adultos;
- Psicopatologia na infância, na adolescência e na fase adulta;

- A criança e seu contexto: na família, na comunidade e na cultura;
- Ética na análise de crianças e adolescentes:
- Supervisões de dois casos: de crianca e de adolescente.

Como um Instituto pode solicitar o reconhecimento pelo COCAP/IPA de seu programa?

Caso haja interesse no reconhecimento pela IPA de seu programa de formação em psicanálise com criancas e adolescentes, ou no de Formação Integrada, as autoridades do instituto devem entrar em contato com a (o) chair do CO-CAP, que receberá seu projeto e constituirá uma subcomissão composta com um membro do COCAP e um do Comitê de Educação para uma primeira revisão do projeto e que poderá trabalhar com os colegas do referido instituto para dirimir dúvidas e/ ou dar sugestões. A partir do relatório dessa subcomissão, todo o grupo do COCAP/Comitê de Educação emitirá seu parecer aceitando inteiramente o programa ou oferecendo questionamentos e/ou sugestões. Ao final do processo, a (o) *chair* do COCAP enviará um relatório para o Board recomendando o programa, que poderá ser aceito ou não.

A Sociedade Brasileira de Porto Alegre é a primeira Sociedade de Psicanálise do Brasil a ter seu programa de Formação Integrada reconhecido pela IPA.

Agradeço ao Jornal de Psicanálise da SBPdePA o convite para prestar esclarecimentos sobre a formação integrada ensejando a oportunidade de fazer conhecer seus objetivos e apresentar as bases dessa proposta cujo princípio básico é ampliar a caixa de ferramentas do futuro analista ou dos membros que praticam a psicanálise.

São Paulo, setembro de 2020.

Histórico da Formação Integrada

Sergio Eduardo Nick

Membro efetivo, analista de adultos, crianças e adolescentes da SBPRJ. Vice-presidente da IPA.

Como introdução, farei um breve histórico do tema da formação de psicanalistas de crianças e adolescentes na IPA. Apesar de várias sociedades componentes terem, em seus institutos, cursos regulares de formação de crianças e adolescentes, temos que ter em mente que esse título é surpreendentemente novo na IPA.

Para muitos analistas, a formação 'NyA'¹ seria um título "menor"; para outros, nem seria psicanálise, na medida em que os pais teriam uma grande influência no trabalho clínico com o paciente, seja ele criança ou adolescente. Outra crítica seria a de que a mente da criança ainda estaria em estruturação, não permitindo o uso da Psicanálise dita clássica. E podemos dizer que essa mentalidade foi dura de ser



¹ Niños y Adolescentes.

transformada, sendo ainda presente em vários meios psicanalíticos mundiais. A obra de autores consagrados como Melanie Klein, Donald Winnicott, Anna Freud, Maud Mannoni, Arminda Aberastury, dentre tantos outros, ajudou muito o desenvolvimento dessa parte da teoria psicanalítica, sem ensejar grandes mudanças no preconceito contra a psicanálise de crianças e adolescentes.

Foi somente com a luta de muitos analistas em favor deste reconhecimento, nos últimos 30 anos, que o campo 'NyA' foi pouco a pouco ganhando espaço. As evidências do que se chamou de 'a criança no adulto' na clínica, ou os desenvolvimentos teóricos no campo do psiquismo dito primitivo, foram lentamente chamando a atenção para a clínica psicanalítica com crianças.

Foi a partir da criação do CO-CAP/IPA (IPA Committee on Child and Adolescent Psychoanalysis) em 1997, comitê especialmente formado pelo Board (CD) da IPA para estudar a questão, que se pôde formalizar a formação psicanalítica de crianças e adolescentes. Anne-Marie Sandler foi a primeira a presidir esse comitê.

Após várias pesquisas e estudos com as sociedades componentes que tinham esse tipo específico de formação, o CO-CAP levou ao Board da IPA uma proposta de regulamentação de 'standards mínimos' para orientar os institutos que quisessem implementá-la. A ideia principal era dar a esses institutos alguns parâmetros que os guiassem na criação desses cursos de formacão, bem como auxiliá-los na montagem dos seminários teóricos que acompanhavam a formação clínica desses candidatos.

Após terminar a formação como psicanalista de adulto, o membro poderia, portanto, iniciar a formação como psicanalista de crianças e adolescentes, qualificação especial que receberia uma menção adicional no *roster* da IPA. Ao mesmo tempo, a IPA reconhece que existem institutos que proveem uma formação paralela à de adultos, admitindo que o candidato a faça, mas só permitindo a qualificação 'oficial' após completar a primeira.

É interessante notar que, a essa altura, já tínhamos muitos analistas de crianças e adolescentes formados, e que a saída que a IPA encontrou para reconhecê-los oficialmente foi por meio da chamada *Lei de las Abuelas*, e ao COCAP foi solicitada a incumbência de receber, analisar e aprovar tanto os currículos quanto as recomendações de analistas desejosos de obterem tal qualificação sem que fosse necessária a realização da formação formal.

O fundamental é que, a partir dessa nova regulamentação, temos os chamados 'requisitos mínimos' para os institutos que queiram fornecer esse tipo de formação. A questão da análise didática, nesse caso, passa a ser considerada como já tendo sido feita por esses candidatos, uma vez que já estariam qualificados como psicanalistas de adulto. Assim, os cursos, seminários e supervisões deverão ter requisitos equivalentes aos dados para a formação de adultos, sendo que as exigências específicas seriam:

- a. Dois casos de supervisão com idade abaixo dos 20 anos, em diferentes estágios de desenvolvimento (pré-escolar, latência e adolescência) e, quando possível, de sexos diferentes.
- b. O tratamento desses casos não deve ser menor do que um ano de duração.

- c. A supervisão e sua avaliação devem ser feitas normalmente numa frequência semanal, com um número mínimo de 40 supervisões por ano, e conduzida por analistas com qualificação específica para essas funções.
- d. Seminários clínicos e teóricos de Psicanálise de Crianças e Adolescentes, que incluam desenvolvimento, psicopatologia e técnica, e que ensinem os princípios éticos e os procedimentos específicos para aqueles que irão trabalhar nessa área.

Curioso que, nesse meio tempo, o ambiente latino-americano para analistas de crianças e adolescentes sempre foi muito produtivo. Várias sociedades oferecem formação, com orientações em geral mais centradas na escola inglesa, mas também encontramos outras em que são oferecidas leituras as mais diversas. O departamento 'NyA' da FEPAL sempre foi muito criativo, e a implementação das três jornadas inter-regionais por ano promoveu um excelente intercâmbio entre esses analistas. Vale dizer que isso foi criado por Asbed Arian, colega argentino que foi diretor do departamento 'NyA' da FEPAL em 2004.

Penso que se pudermos ver a complementaridade entre esses dois projetos, a saber, COCAP/IPA e as Jornadas Inter-regionais/FEPAL, vislumbraremos um crescente interesse na formação em Psicanálise de Crianças e Adolescentes na América Latina. Em meu tempo como diretor do departamento 'NyA' da FEPAL, fui muitas vezes procurado por sociedades de diversas latitudes, interessadas em desenvolver departamento próprio em seus ins-

titutos. Tal resultado é alvissareiro, na medida em que atrai um público mais jovem, que é, justamente, um dos projetos-chave no desenvolvimento do campo psicanalítico atual.

No entanto, um dos problemas detectados pelos membros do COCAP foi a exigência de já ter encerrado a formação como analista de adultos para admissão nos cursos de formação de psicanalistas de crianças. Alguns institutos aceitam o candidato que esteja no final da formação, com critérios diversos. Outros, como alguns filiados à APsaA (a Associação Norte-Americana de Psicanálise), aceitam que o candidato se forme apenas como psicanalista de crianças.

Uma vez que é mais comum que jovens se interessem por atender crianças, isso se tornava um óbice à política anti-aging da IPA, pois terminava por ter poucos candidatos interessados nessa formação devido à idade média-alta com que se costuma terminar a formação de adultos. Além disso, algumas sociedades/institutos pediram à IPA considerar aceitar que um psicanalista de crianças e adolescentes pudesse ser aceito como membro da IPA sem a exigência prévia da formação como psicanalista de adultos. Esse pleito foi endereçado ao COCAP, que então sugeriu à IPA formar um comitê para estudar a questão. Este comitê (ITC - Integrated Training Committee), liderado por Virginia Ungar, optou por propor a chamada 'Formação Integrada'. Essa proposta levava em conta a percepção de que os conceitos psicanalíticos sobre o desenvolvimento faziam, cada vez mais, parte do currículo da formação de psicanalistas de adultos em institutos da IPA. A base da proposta era permitir haver "um caminho adicional e opcional para

a formação psicanalítica oficial, com o fito de formar um psicanalista de adultos, crianças e adolescentes reconhecido pela IPA". A proposta foi então encaminhada e aprovada pelo Comitê de Educação da IPA.

A 'Formação Integrada' propõe que se possa fazer ambas as formações ao mesmo tempo, permitindo que o candidato termine a formação já qualificado como analista de adultos, crianças e adolescentes. Para isso, o instituto deve desenvolver um currículo que inclua algumas matérias ligadas a pontos específicos, tais como:

- Modelos de desenvolvimento, estrutura e funcionamento psíquicos freudiano e pós--freudiano.
- Teorias da técnica e seminários clínicos que incluam crianças, adolescentes e adultos.
- Observação da relação mãebebê.
- Psicopatologia da criança, do adolescente e do adulto.
- O contexto infantil: pais, família, comunidade e cultura.
- Ética: específica para o campo criança e adolescente.

Como sugestões para a implementação de tal programa, o Comitê ITC propôs:

- Cursos e seminários conduzidos por analistas de adultos e de crianças.
- Criação de uma base de dados compartilhada com a literatura relevante para um Programa de Formação Integrada.
- Buscar formas colaborativas de ensino e supervisão com a utilização de técnicas à distância (webinars). Isso permitiria que várias sociedades e institutos pudessem compartilhar professores e abrigar candidatos de institutos menores.

Essa propositura foi aprovada pela IPA em 2015. Ela já está sendo implementada por alguns institutos, sendo promissor o fato de que a proposta da SBPdePA foi aprovada recentemente pelo Board da IPA.

Penso que, com este breve relato, demonstro a forte penetração que os temas ligados à área de crianças e adolescentes tem tido na IPA. Não creio ser à toa que os atuais ocupantes dos cargos de presidente e vice-presidente da IPA sejam psicanalistas de crianças e adolescentes. Na verdade, a crescente compreensão dos mecanismos primitivos envolvidos na gênese de patologias mentais que aportam aos consultórios psicanalíticos de hoie em dia foi levando a que, mais e mais, se buscassem autores da área de crianças e adolescentes para ajudar no desenvolvimento de teorias e práticas clínicas para dar conta desses casos.

Além disso, parece-me fundamental que, para um maior desenvolvimento da psicanálise, nos empenhemos, cada vez mais, na possibilidade do encontro com áreas afins, tais como: a pedagogia, a pediatria e a hebiatria, a psiquiatria, a área jurídica, dentre tantas outras. Penso, junto com Virginia Ungar, que devemos tentar fazer o máximo de psicanálise possível nesses ambientes, para além do consultório. Isso nos permitiria não só divulgar a psicanálise extramuros, mas também possibilitaria uma fertilização cruzada que nos alimentasse com novas experiências, novos pensares, e novas práticas. Não foi de outra maneira que tantos pioneiros desenvolveram as teorias e práticas que hoje nos nutrem no fazer psicanalítico cotidiano.

Muito obrigado.

Formação Integrada

Vera Maria H. Pereira de Mello

Membro titular da SBPdePA, analista com função didática, analista de crianças e adolescentes



Este momento é um tempo de celebração de uma conquista muito importante para a nossa SBPdePA, a Brasileira, como carinhosamente a chamamos! Recebemos o reconhecimento pela IPA como sendo a primeira sociedade psicanalítica do Brasil a realizar a Formação Integrada em Psicanálise.

Essa Formação Integrada busca ampliar o olhar do psicanalista em formação para os fenômenos que se dão no psiquismo infantil, bem como suas reverberações na constituição psíquica do sujeito.

A Psicanálise teve, por meio da percepção arguta de Freud, um primeiro olhar para a importância do infantil, o que provocou naquele momento, nos idos de 1905, um certo incômodo pela denúncia da existência de uma sexualidade infantil, revelada no artigo Três ensaios sobre a teoria sexual. O caminho para olhar o infantil estava aberto e, em 1921, Melanie Klein apresenta seu texto O desenvolvimento de uma criança. Neste trabalho, bem como em toda a sua obra, a autora trouxe à luz a existência de ansiedades primitivas vivenciadas nos primórdios da vida psíquica e que são fundamentais para o entendimento de processos psíquicos em todas as faixas etárias. Muitos outros autores trouxeram contribuições importantes à Psicanálise de crianças e adolescentes e, por consequência, engrandeceram a Psicanálise.

Entretanto, o infantil segue demonstrando o quanto, mesmo nas instituições, ele provoca in-

quietações! A IPA passou a ter a regulamentação de Formação de Crianças e Adolescentes somente a partir de 1997. A SBPdePA criou, em 2002, o NIA, tendo como primeira coordenadora a colega Ana Rosa Chait Trachtenberg e, a partir deste espaço, em que um grupo de psicanalistas que estudavam infância e adolescência puderam se reunir, foram acontecendo muitos processos. Entre estes, o prêmio obtido em 2004 com o Developing Psychoanalytic Practice and Training (DPPT) com o projeto Difusão da Psicanálise da Infância e Adolescência, o qual oportunizou a vinda de vários psicanalistas que ministravam seminários, estimulando o estudo e a prática de atendimento em psicanálise de crianças e adolescentes. Entre os convidados, tivemos a presença de Virginia Ungar, Asbed Aryan, Maren Ulriksen de Viñar, Miguel Leivi, Edna Vilete, Nilde Parada Franch, Alicia Dorado de Lisondo, Juan Carlos Tesone e Claudia Borensztejn.

Além das atividades dirigidas ao público psi, também sempre houve, no NIA, um olhar para a comunidade ampla, no sentido de estender a psicanálise extramuros, favorecendo a divulgação do conhecimento psicanalítico. A existência deste espaço de aprofundamento teórico e clínico desencadeou o desejo e a aspiração de uma formação de psicanálise em infância e adolescência.

Em 2007, tivemos aprovada pela IPA a Formação de Psicanálise em Infância e Adolescência, que congregou uma série de esforços de vários colegas na organização dos programas de seminários, oportunizando que a mesma tivesse início em 2008.

Atualmente, não há como questionar a importância de se entender e conhecer os primórdios do desenvolvimento psíquico do sujeito, as ansiedades vivenciadas, as defesas utilizadas no manejo destas, enfim processos que foram sendo delineados pelo estudo da psicanálise do infantil. A análise de criancas e adolescentes impõe, com mais força, que o analista esteja conectado com seus aspectos infantis, possuindo a disponibilidade para a surpresa, a qual é parte de nosso trabalho interior e aparece muitas vezes como pequenos atos, como modulação da voz, gestos, da escrita, enfim algo que se cria no campo analítico. A condição de permitir essas surpresas, no contexto singular de cada experiência de análise, oportuniza uma dimensão inconsciente que se move em nós mesmos e que faz com que aquela relação seja única, singular. A intervenção efetiva do analista parece estar mais perto destas pequenas coisas do que das interpretações elaboradas.

A possibilidade, na Formação Integrada, de que o membro do Instituto possa aproximar-se do universo do infantil com certeza o qualificará melhor na condição de escuta de processos psíquicos primitivos, independentemente de que opte ou não em trabalhar com pacientes dessa faixa etária.

Formação Integrada: do sonho à realização¹

Virginia Ungar

Médica e psicanalista. Membro titular com função didática da APdeBA. Presidente da IPA.



Boa noite a todos! Vou falar devagar. Vocês sabem que eu compreendo português, mas não me atrevo a falar. Sou um pouco exigente e não conheço a gramática. Conheço português pelos anos em que viajei, sobretudo a Porto Alegre. Ana Rosa (Ana Rosa Trachtenberg) vai confirmar. Foram cerca de três anos, entre dois anos e meio e três anos, em que viajava todos os meses para um projeto em conjunto com a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre. Eu ministrava seminários, tinha vários grupos de estudo e me convidavam a participar das reuniões de analistas de criancas e adolescentes, seguramente Ana vai recordar.

Há pouco, quando falaram 2002, fiquei impressionada, porque ainda lembro do começo, das reuniões em que conversávamos sobre qual nome colocar. O que você disse, Silvia (Silvia Brandão Skowronsky), para mim é muito emocionante que esteja-

mos juntos. Somos colegas, mas somos amigos. Muitos de nós são amigos. Com Ana e Renato. o início da amizade foi anterior. porque eles viveram em Buenos Aires, assim como com alguns outros de vocês que também viveram em Buenos Aires. Eu, Ana e Renato comecamos a amizade antes dos anos de formação. Isso que disse a Silvia foi muito emocionante, porque estão aqui reunidos colegas e amigos, pessoas com quem compartilhamos e continuamos a compartilhar caminhos em diversos espaços, em distintos lugares, em distintas cidades do mundo. E agora, durante a pandemia, de maneira virtual, continuamos juntos, porque a psicanálise está muito viva e é muito necessária neste momento.

Não me façam falar agora da psicanálise de crianças e adolescentes porque começo e não paro. Estou muito contente de estar com todos vocês, com meus amigos, com Sergio Nick e Nilde (Nilde Parada Franch). Eu e Nilde nos conhecemos em 1997-1998 e começamos a trabalhar juntas no início do COCAP (Comitê IPA de Psicanálise da Criança e do Adolescente), comitê do qual Nilde agora é a coordenadora e chair. E tenho as lembranças da sede anterior, lembranças muito vivas, e de todas as reuniões, de todo o trabalho, do estudo, das reuniões científicas mas também dos jantares, das reuniões na casa de vocês.

De muitos de vocês, conheço a família, o marido, as mulheres, os filhos. Bom, também os netos depois. Agora o que eu digo é isso: eu estou muito contente por terem me convidado a festejar com vocês. É um acontecimento o programa de Formação Integrada ter sido aprovado. É um sonho que temos há muito tempo e que vai se tornando realidade. É uma grande alegria podermos celebrar juntos.

Entrevista

Vera Maria H. Pereira Mello – Historicamente, a psicanálise de crianças e adolescentes foi tratada como uma psicanálise menor. O reconhecimento pela IPA do psicanalista da infância e adolescência só veio em 1997. Neste cenário, como foi a gestação da ideia da Formação Integrada dentro da IPA? O que é formação integrada?

Virginia – Obrigada, Vera. Eu não podia imaginar que me emocionaria tanto. Eu passo as telas (da plataforma pela qual acontece o encontro virtual) e vejo todos vocês, com quem compartilhei muitos momentos. Alguns não abriram a câmera, mas eu vejo os nomes. Eu gostaria de cumprimentá-los um por um, mas já somos aqui 138, então, eu não consegui-

ria. Mas eu posso dizer a vocês o quanto para mim é emocionante compartilhar esse momento com amigos e amigas. Muitos de vocês são parte da história, não somente da psicanálise de crianças e seu lugar na Sociedade Brasileira, mas também são um componente importante da psicanálise de crianças e adolescentes que eu vivo, assim como está cada vez mais viva a psi-

¹ Evento realizado em 21 de outubro de 2020, em comemoração ao reconhecimento que a SBPdePA recebeu pela IPA para a Formação Integrada em Psicanálise de crianças, adolescentes e adultos.

canálise de infância e adolescência, cada vez ser mais necessária.

Quero agradecer a generosidade com que falam sobre mim, o que me põe um pouco ... não exatamente incomodada, agradeço muito, porque também faz bem receber esse tipo de carinho e de amor que vocês estão me dando e me faz lembrar todo o trabalho.

É verdade que eu tenho uma grande capacidade de trabalho e isso se mantém bastante estável. embora vão passando os anos. Sergio é a testemunha mais próxima disso. Gosto que me agradeçam porque há outros que me criticam, inclusive minha própria família, por eu estar todo o tempo me dedicando à psicanálise. Mas não sinto que seja um esforço de minha parte. Não há muitas outras coisas que me interessam... Então, não sinto que estou ocupando um tempo que poderia dedicar à outra coisa. Eu gosto de arte, de cinema, poesia, literatura mas não sinto que estou perdendo algo, ou meu tempo. Faço o que eu gosto e acho que é a única ... não que queira me tomar como exemplo... mas acho que nosso único motor é a paixão por aquilo que fazemos. A minha paixão pela psicanálise e pela psicanálise de criancas e adolescentes não só continua intacta, mas acho que aumentou, apesar de todas as dificuldades.

Vera traz isso em sua pergunta: a psicanálise de crianças e adolescentes ter sido por muito tempo tratada como uma psicanálise menor. Nilde nos disse, muito precisamente, sobre as resistências. As resistências existiram e ainda existem. Resistências que podem ser vistas como políticas, mas que são resistências ao infantil de cada um. As resistências são colocadas em jogo frente ao contato com o infantil.

Por isso estou muito feliz, além de ser uma das poucas decisões que eu pude tomar como presidente da IPA (*International Psychoanalytical Association*), ter decidido o título dos dois congressos, que naturalmente não realizei sozinha, o fiz com Sérgio, não é que eu tomei a decisão sozinha. Com Sérgio, sempre encontrei ressonância, porque somos dois analistas de crianças e adolescentes que estamos liderando a IPA neste momento – e isso não é pouco. O (tema do) primeiro dos nossos congressos foi o feminino.

Depois de consultar os nossos colegas, mais especializados, surgiu o feminino e assim fomos pelo infantil, e Sérgio é testemunha de que não foi tão fácil. Eu sei que estou desviando a resposta, mas tenho que falar das resistências... Não foi fácil porque surgiram obstáculos do tipo semânticos e de linguagem. Uma das objeções que encontramos para colocar o título do infantil foi que nos disseram que, em inglês, infantil soava pejorativo. Em espanhol se diz pejorativo, depreciativo...

Eu continuo pensando que não é só uma questão de linguagem, mas também uma resistência a tomar contato com o infantil. No espanhol e no português se usa: "Não seja infantil!", como se fosse algo negativo. Mas não tivemos depois tanta resistência e se aceitou. Sergio montou um comitê, um programa estupendo, então, o tema foi bem-vindo.

Mas sobre a psicanálise menor, eu vou dar um exemplo. Eu fui a congressos internacionais desde que era candidata – talvez, a apenas um (ou dois) que não tenha ido. Neles, o lugar da psicanálise de crianças era o domingo. Podia acontecer pela manhã ou à tarde, mas era no dia em que a maioria das pessoas já tinha se retirado ou escolhido percorrer pontos turísticos ou mesmo voltado para sua casa. Isso era um sintoma, um sinal do lugar que se dava à psicanálise de crianças e adolescentes, apesar de ela ter uma história muito an-

Sempre se diz que nasceu de um pai e duas mães: Melanie Klein,

Freud, por certo, e Anna Freud. Nos anos 1920, já estavam não só trabalhando mas escrevendo e publicando. Sempre houve analistas de crianças, trabalhando, mas essa psicanálise não encontrava um lugar na estrutura orgânica, no organograma da IPA até 1997, quando foi criado o comitê de psicanálise de crianças e adolescentes. Em 1998, começamos a trabalhar. Eu digo comecamos porque me convidaram. Não sei se vocês sabem mas Anne-Marie Sandler foi a primeira chair do comitê. Depois de um tempo, ela renunciou e assumiu o Johan Nolman.

Mas a primeira *chair* de todas foi a Anne-Marie Sandler. Então, começa a ter um lugar na estrutura orgânica da IPA e isso foi muito importante. Mas demorou muito, pois a IPA foi criada em 1910. Assim como demorou até 1998, para criar o comitê, e até 2015 para ter uma presidente mulher. São tempos que têm a ver com variáveis muito estudadas por aqueles que se dedicam à biopolítica, e não vamos nos ater nisto, mas esta é a história.

Então, deixou de ser algo pequeno, como uma criança, e entrou na estrutura orgânica, se formou o comitê e tiveram início os trabalhos. Como lembrou Ana Rosa, e Nilde se lembra também, eu fui convidada como membro pela América Latina quando Susana Lustig foi a co-chair pela América Latina, Nilde pelo Brasil, Liliana Pualuan pelo Chile, pela América Latina. E também Maren Viñar. Era um comitê muito grande nessa época. E aí nasceram amizades que duraram para sempre. Nossa união, minha com Liliana, com Nilde e com Maren Viñar, chamamos de "as bruxas". E depois seguimos trabalhando até que tomei a presidência e também a do comitê de Formação Integrada. Aí terminou meu ciclo, porém Nilde está desde essa época.

Eu vou contar rapidamente como surgiu a Formação Integra-

da. Em 2009... eu não sou muito boa para as datas, mas em 2009 chegou ao Board uma proposta do que se chamou Child Only Training, ou seja, formação focada somente na psicanálise de infância. Essa proposta foi discutida longamente no Board. E se votou contra, quase que de maneira unânime. autorizar uma formação só de infância. Se votou contra por muitas razões, entre as quais, porque nós, analistas de crianças, também trabalhamos com pais. Temos que ter alguma experiência em análise com adultos. Não vou dar-lhes todas as razões, mas eu quero dizer-lhes que é uma história longa. Na raiz dessas discussões, surgiu a ideia de uma formação integrada e foi montado o que se chamou de um Board Working Group. Ou seja, um grupo de membros do Board que estudasse a questão da possibilidade de fazer uma formação integrada.

Quando nós terminamos nosso trabalho, essa pequena comissão sugeriu ao Board que fosse criado um comitê de Formação Integrada do qual eu fui a coordenadora e entre os membros estava Madeleine Bachner, pela Europa, eu não guero esquecer de ninguém... depois estavam Peter Blos Jr., que tinha sido chair do COCAP, Silvia Flechner, pelo Uruguai, Florence Guignard, pela França... e também foi solicitado ao comitê de Educação que nos indicassem um nome... Schmuel Erlich que muitos de vocês devem conhecer. Nesse momento, ele era o coordenador do comitê de Educação e disse que tinha interesse em participar desse comitê.

Aí deu nascimento à possibilidade de que o Board aprovasse uma formação integrada de infância e adolescência, que acabou aprovada em partes: em 2013 e em 2015 (ou em 2016, existe essa possibilidade). Para dar a vocês alguma ideia e não falar muito tempo, porque se me deixarem falo... quando me entusiasmo, falo sem parar. A ideia mais importante a

transmitir é a convivência comum das duas formações, de infância/ adolescência e de adultos, em uma sociedade ou em um instituto. O que é importante e quero destacar é que seja algo opcional, que não seja algo obrigatório. Eu sempre sou a favor de que seja opcional, isso também passa pela observação de bebês, que é outro tema sobre o qual eu gostaria de falar em algum momento, mas a ideia do opcional tem muitas vantagens.

É interessante que se possa assistir a seminários, grupos de supervisão ou da forma que desejar, tanto analistas em formação como também analistas que não trabalham com crianças, que possam ter essa experiência. De qualquer forma, eu sempre recomendo que ao menos tenha alguma experiência, por tudo o que traz a prática da psicanálise de crianças e adolescentes.

Além disso, de não ser obrigatória, que cada instituto e cada sociedade tenha a liberdade para projetar o programa como quiser, seguindo alguns mínimos parâmetros. E foi isso o que se aprovou, finalmente, em 2016: um programa modelo, no qual o mínimo de requisitos relacionados a supervisões, número e duração de supervisões e outros detalhes... Então, tem um modelo mas cada instituto ou sociedade tem a liberdade de projetar o próprio.

Mayra Lorenzoni – Na sua visão, qual a importância do estudo do desenvolvimento emocional desde o primitivo, incluindo a observação paisbebê, para o aprimoramento do olhar e da escuta na formação de um analista? Qual a vantagem desse modelo?

Virginia – Obrigada, Mayra, e obrigada também pelas lembranças. Me parece importante que... Sérgio relatou que começou com

adultos... eu comecei já trabalhando com crianças antes mesmo de ser membro da minha sociedade.

Desde o início, lá havia um grupo muito grande de analistas de crianças. Isso foi uma grande vantagem. Outro ponto lá foi que uma das supervisões oficiais era a análise de uma crianca. Essa foi a minha experiência. Minha supervisora foi Ana Kaplan e tinha grandes professores de psicanálise de infância. Então, eu comecei com infância e depois comecei a trabalhar com adultos. Uma das minhas histórias como psicanalista, imaginem que eu começara havia pouco tempo, e vinha a criança, vinham os pais e tinha uma entrevista no final, e então o pai me pergunta: "quanto são seus honorários?". E eu disse um valor. E ele disse: "Você cobra o mesmo de uma criança o que cobra de um adulto?". É um caso que pode soar brincadeira, piada... demonstra que uma pessoa, um pai, e não um analista, considera a criança como algo menor, que não configura uma hora de trabalho, que não tinha como cobrar honorários. Mas eu acho que o trabalho com crianças, e depois vou falar um pouco sobre a observação de bebês, oferece um acesso imediato ao mais primário e ao mais primitivo de todos os seres humanos. E nos dá um acesso direto, não temos que estudá-lo, não temos de lê-lo, porque predomina a ação.

Acho que os maiores desafios que tive em minha vida como analista tem sido na psicanálise com crianças. Desde que me trouxeram um coelho, que começou a comer minha cortina, e eu nunca mais tive cortinas, até ter que atender crianças que vieram doentes, vomitando... Tenho muitos casos, histórias... elas ensinam mais de teoria e técnica do que qualquer outra experiência. Por outro lado, não temos acesso aos níveis mais primários da emotividade, aos níveis que se tem na mente, em que há uma força tanto libidinal como agressiva... É realmente importante, temos que nos envolver... Com os adultos, nós oferecemos a nossa mente. Eu sempre digo que emprestamos nossa mente, e em pacientes com distúrbios de desenvolvimento oferecemos diretamente nossa mente para ser trabalhada. E com crianças oferecemos também nosso corpo... isso sem mencionar pacientes com distúrbios de desenvolvimento graves, como crianças autistas. Tenho experiência de trabalhar com eles.

É um ensinamento que com uma leitura de artigos não é suficiente. Por isso recomendo... Com essa experiência vamos ter muito mais recursos na análise de pacientes mais graves, mas também de pacientes neuróticos. Algo como disse Nilde, que a mim parece muito importante: aprendemos a falar de uma maneira simples e direta, sem reviravoltas. Quando me perguntam: "como você é capaz de transmitir ideias profundas e difíceis com uma linguagem que parece simples, mas que está dizendo coisas muito profundas?". Eu respondo... porque sou analista de crianças, eu falo assim, como estou falando com você agora, como falo com um paciente... Então, a linguagem que usamos com pacientes adultos é muito mais acessível, e não é porque nós falamos fácil. Eu não falo de coisas fáceis, eu falo de coisas difíceis de uma maneira acessível - e isso eu acho que também posso fazer quando eu transmito teoria ou clínica.

Vamos falar um pouco sobre o lugar da observação de bebês. Vou compartilhar um segundo caso. Fazia muito tempo que queríamos começar a experiência de observação de bebê, que havia se visto na APA (Asociación Psicoanalítica Argentina) há muito tempo, e nós não conseguíamos... como sempre, encontrávamos resistência... estou falando de minha Sociedade... Então, íamos à diretoria e pedíamos... mas éramos analistas em formação.

Vocês sabem que Meltzer veio à Argentina cinco vezes? Eu me

lembro quando esteve em Porto Alegre ... lembrança feliz, porque nós viajamos com alguns amigos, e há boas lembranças com Ana e Renato. Saímos para comer com Meltzer e sua esposa ... Então, em uma das visitas, nós caminhávamos para o restaurante ao meio-dia, eu estava atrás dele, e comecei a me queixar sobre querer fazer a formação (para a observação) de bebês e não conseguir... E ele se virou, me olhou e me disse "Virgínia, pare de se queixar e construa sua própria tenda". E isso teve um impacto tão forte em mim... impactou em tudo, não só na minha profissão, mas na minha vida. Eu nunca fiz análise com ele, estudei ou supervisionei. mas mudou minha vida, mudou minha maneira de pensar não só a psicanálise, mas também a vida.

E tudo isso me estimulou. Montei a tenda, o grupo. Chamei amigos, amigas... e nós montamos cinco grupos, nós éramos 20 pessoas. Supervisionávamos por fax primeiramente, porque não havia internet. Cada um de nós teve um bebê e por um ano e meio fizemos isso. Agora, se você me pergunta "Qual é o valor da observação de bebês?", penso que cada um de nós que tivermos a experiência dará um valor subjetivo, pessoal. Para mim, é recuperar a capacidade de observação, porque eu acho que todo bebê nasce com uma grande capacidade de observação. Vejam como são os bebês, como olham para nós, como seguem a voz da mãe, como olham para os pais e seguem os movimentos dos irmãozinhos... e eu acredito que o preco que pagamos para entrar na cultura é ir perdendo a nossa capacidade de observação. Para mim, essa é uma capacidade fundamental. Para a psicanálise e para a atitude analítica, é fundamental recuperar a capacidade de observar. E aqui eu volto a algo que disse Nilde... por que essa discussão (sobre) se é escuta ou se é observação, seguindo o Canal da Mancha, que naturalmente separa a França da Inglaterra, me parece

que não faz sentido porque as duas coisas vão juntas, não entro neste tipo de discussão, não me parece interessante.

Como também não parece interessante se é mundo interno ou mundo externo, também não parece interessante neste momento decidir se levamos ou não em conta o contexto, porque nenhuma psicanálise, agora em 2020, pode continuar crescendo, fortalecendo, se não considerar contexto e cultura, são marcos na história da psicanálise. Portanto, concordo com Nilde. A escuta e a observação... há pessoas que gostam de seguir a observação de bebês porque obtêm dados sobre o desenvolvimento infantil ... E está tudo bem. mas não é minha parte. Acho que faz parte do treinamento de psicanálise e seria ótimo se pudesse fazer, não sei se ainda é assim, mas fazer um ano de observação antes de fazer outros seminários. A mim me parece fundamental. Mas, novamente, não acho que tenha que ser obrigatório, tem que ser algo que se escolhe porque se quer fazer. Na Sociedade da qual sou membro nunca foi obrigatório, mas nós sempre fazemos. Agora, quando eu terminar a presidência, vou voltar. Isso é comum. Esse seminário não termina, e eu gosto, porque assim continuamos em contato com o infantil.

Eluza Enck – Qual a importância do infantil, que não é o mesmo que infância, para a psicanálise?

Virginia – Obrigada, Eluza. Sim, o conceito de infância tem a ver com o infantil, mas não é a mesma coisa. É importante saber que o conceito de infância tem a ver com a interação, com qual é o conceito de criança que cada época tem, e precisamente a infância é a criança em interação com o contexto histórico, e o que poderíamos chamar,

mas que já não é mais usado configurá-lo assim, de os códigos da época. Ou seja, a infância de Juanito, naguela única sessão que Freud teve com a criança, dizem que foi a primeira sessão de psicanálise de ligação, porque vocês sabem, ele já estava falando com o senhor Grav, mas Juanito fez observações inesquecíveis. Ou seja, a criança e a infância da era moderna, em plena era vitoriana onde nasce a psicanálise, é muito diferente da criança de hoje. É muito diferente o ambiente em que vive, a interacão com a família, o conceito e a configuração de família, onde o homem tinha um papel central, a mulher não tinha o papel central. Quando alguém me pergunta por que demorou tanto tempo para uma mulher ser presidente da IPA, ora, porque era impensável noutra época pedir a uma mulher para se tornar presidente. Acho que é bom fazer perguntas a Freud, e até mesmo criticar, mas não pedir a Freud mais do que era possível. Então, quando você critica Freud no sentido do lugar das mulheres, parece-me que você o tira do contexto histórico.

O mesmo acontece com a infância. A infância tem a ver com a interação das crianças com a cultura e com o ambiente de seu tempo. O infantil é um conceito que ... não, é uma noção que temos que conceituar/contextualizar. Sergio é o responsável pelo Congresso de Vancouver, que tem como tema "o infantil", seguramente ele poderia, se tivermos tempo, dizer algo mais porque estão debatendo a pleno neste momento, muitas propostas que chegaram estão sendo avaliadas ou estão sendo criadas. Mas se você me perguntar sobre o infantil (no mundo), já estão organizando atividades todos os anos acerca do infantil em diferentes sociedades. e vai ser uma tarefa para o congresso conceitualizá-lo (o infantil), porque não é um dos conceitos fundamentais, nem vou fingir que não seja da psicanálise. Mas seria

bom poder conceituar em termos, não sei se apenas metapsicológicos, mas fazer uma conceituação e há autores que estão neste caminho. Florence Guignard é um exemplo deste trabalho.

O infantil é aquilo que nós, através do trabalho com pacientes em psicanálise de qualquer idade, tratamos de trabalhar para que o infantil seja acessível. Porque habitualmente o temos muito dissociados. Há de se ser acessível. É só uma ideia minha, que me atrevo a dizer assim: tê-lo acessível a nós nos permite poder ser criativos, ser apaixonados...

No (berço, lugar) infantil está a possibilidade de ser criativo. E também nisso tem influência as ideias de Meltzer, vocês provavelmente sabem, porque alguns de vocês fizeram os seminários sobre ele. Ele propõe que a transferência emana dos aspectos infantis da personalidade. Então, ele dá um lugar ao infantil, muito maior do que outros autores ao dizer que de onde emana a transferência é do infantil. E o que nós, psicanalistas, trabalhamos são as dissociações que tornam o infantil inacessível, com a qual a pessoa/persona... o paciente qualquer que seja a idade não está em contato com o criativo. E aqui podemos citar muitos autores, especialmente Winnicott com seus conceitos, sobre a importância do brincar, porque esse é nome de play, jogar/brincar a realidade, não é um jogo da realidade, é jogar/brincar e a realidade, a capacidade do jogo/brincar.

E vocês sabem que Freud, no artigo O poeta e a criação artística (Escritores criativos e devaneios), eu acho que é esse nome, diz que a criatividade do poeta nasce como herdeiro do jogar/brincar da criança... Eu estou dizendo alguns dos assuntos que são importantes.

Acredito que qualquer que seja a idade do paciente temos de trabalhar nisso, na dissociação que é feita do infantil e que nos permite jogar/brincar, trabalhar, porque trabalhar é jogar/brincar, brincar é trabalhar, e faz nos cercar de paixão pelo que fazemos. Bom, essas são algumas ideias.

Marlise Albuquerque – Como pensa a importância da ação da psicanálise e do psicanalista na comunidade, em especial na área de infância e adolescência?

Virginia – Obrigada, Marlise. Eu me lembro muito bem, inclusive quando você falou sobre a supervisão, eu tenho a memória do lugar em que nós estávamos na supervisão, em uma das alas da Sociedade, um momento muito agradável.

Como vocês sabem, com Sergio nós apresentamos um projeto que foi aprovado e que está desenvolvendo de uma maneira incrível. chamado A IPA na Comunidade. O que fizemos foi apresentar uma nova estrutura na IPA. É uma estrutura enorme, e vocês provavelmente já a conhecem, mas a base da nossa proposta foi justamente que a psicanálise, uma vez que se pode internalizá-la, através de uma boa formação analítica, também nos permite utilizar esse método analítico que está tão comprovado e que deu tantas provas de sua eficácia, também pudesse ser introduzido na cultura/comunidade.

Mas isso nem preciso explicar, porque Argentina e Brasil não necessitam explicar como a psicanálise entrou na cultura/comunidade. Mas não é assim em todos os lugares e em todo o mundo. Em alguns lugares, levou mais tempo... há muito o que se fazer.

Mas a ideia central era que o método analítico não precisa ser confinado apenas aos nossos consultórios. Sempre vai ser assim... A formação e a prática em que fomos treinados foi para fazer psicanálise individual ou grupal ou familiar. Mas, uma vez incorporado, podemos levar o pensamento analítico e a forma de trabalhar para a

comunidade. Não esperar que eles chequem a nós. A ideia é levar, e há muitos comitês, há muito trabalho sendo feito, e a prova disso foi que, em Londres, Sergio veio até mim, para o congresso, falou "Virginia, o que você acha de oferecermos um prêmio?... Eu... prêmio? Pensamos... mas como? Prêmio? Como vamos apresentá-lo? Sérgio insistiu, insistiu e por sorte saiu vitorioso nisso. Felizmente fomos os vencedores porque o que aconteceu é que recebemos cerca de 130 propostas. Elas serviram como um mapa que nos mostrou como a psicanálise funciona em todo o mundo...psicanálise na educação, na saúde, com a violência, a lei e a cultura, com migrações e refugiados.

E o último comitê que entrou é sobre mudanças climáticas. Na pandemia, agora, mais do que nunca, vimos como todas as sociedades do mundo, praticamente, principalmente as da América Latina, oferecem ajuda gratuita à comunidade, com linhas telefônicas de ajuda... Em minha sociedade, realizamos todas as sextas-feiras, por exemplo, um fórum para pais. Eu poderia falar muitas horas sobre isso mas vou encerrando aqui, me parece que isso é uma prova viva. E nós vamos novamente abrir a chamada para os prêmios, certamente.

Ângela Piva – Como está vendo o desenvolvimento do estudo e da prática da psicanálise ao redor do mundo?

Virginia – Que bom ver você, Ângela. Eu também tenho um grande prazer em poder ouvir e ver você, como estamos vendo a todos, pelo que podemos fazer, somos privilegiados também. Neste momento em que há tanta falta de trabalho, tanto drama, porque essa é uma crise humanitária, não queria deixar de dizer isso. A psicanálise é muito necessária e podemos oferecer ajuda. E é nesse sentido que temos um grande privilégio em relação a outras situações, em que milhões de pessoas ficaram sem trabalho, em distintas realidades que são muito difíceis de enfrentar. Temos que fazer, a psicanálise pode ajudar. Eu gosto dessa pergunta, Ângela, porque sempre viajei muito, convidada por sociedades... conheço várias sociedades em diferentes partes do mundo, acho que o interesse está crescendo... até posso dar exemplos, mas não sei se vem ao caso.

O interesse está crescendo. Seguramente, Nilde pode falar um pouco sobre isso, sobre quantos pedidos chegam de programas de formação e da importância que a psicanálise, que a palavra da psicanálise tem, para a infância e a adolescência, em um mundo tão difícil. Já era difícil antes da pandemia e agora é mais difícil.

Então, se você me perguntar, acho que estou vendo muito interesse, muita necessidade e muito mais proximidade do que fazemos no trabalho ... Não é só um comitê na comunidade, é uma estrutura com muitos comitês dentro e muitos subcomitês. Tem muita gente trabalhando. Vocês podem ver, por exemplo, toda a série de podcast, vocês podem ter acesso para conhecer esse trabalho. Eu acho que a psicanálise de crianças e adolescentes é muito necessária para a sociedade, para a cultura e para o mundo em que vivemos, de uma realidade muito difícil. A palavra da psicanálise é muito necessária. Não só palavras para transmitir o conhecimento, mas a escuta, a possibilidade de trabalhar com pais, de trabalhar com professores, com o pessoal de saúde...

Desde que começamos a saber sobre a pandemia, quando começou na China, há grupos que estão divulgando a psicanálise em Wuhan (epicentro da pandemia). Não estou dizendo que haja formação em Wuhan, ainda que se esteja por começar um grupo de estudo,

um comitê China, mas encontramos pessoas que cada um de nós podia ajudar pessoalmente. Aí foi a grande surpresa. O pessoal da saúde estava em um estado de choque e com (alto) nível de demanda... e então seguimos a trajetória do vírus: na Europa, Itália... e agora está golpeando forte a América, principalmente a Latina e a Sul-americana. Mas são esses os momentos em que você vê quanta necessidade há de estar perto dos pais, dos professores, dos doutores, das enfermeiras, da lei... Esse é um campo que Sérgio conhece muito mais que eu, porque ele trabalha com o tema da psicanálise e do direito... Como a violência cresceu nos últimos tempos e também durante o Covid-19...

E também tenho que dizer, com muito orgulho, que em junho criamos um projeto intercomitês para o estudo do preconceito e do racismo. Nele, estão integrados os coordenadores do COCAP, do comitê da mulher, a chair do comitê de violência da IPA na Comunidade, o chair do comitê de diversidade sexual e de gênero e uma jovem colega a quem eu prezo muito, que está no comitê de organizações humanitárias e mora em Brasília, a Paola Amendoeira. Eles agora trabalham juntos com a questão do julgamento e racismo.

Então, nós estamos por aí, isso também é trabalho na comunidade. Eu quero dizer isso a vocês, porque nem todo mundo lê a newsletter em que anunciamos, mas estamos tentando estar próximos o tempo todo.

Assim como acho que estivemos unidos em webinar, pelo Covid, com as modificações momentâneas ... acerca do requisito de presença para a formação... há um banner, um site, em nossa página. Isso é trabalho na comunidade e creio que é isso que temos de continuar fazendo o tempo todo e cada vez mais.

Transcrição e tradução: Loraine Luz

Poema enjoadinho de Vinicius de Moraes

Filhos... Filhos? Melhor não tê-los! Mas se não os temos Como sabê-lo? Se não os temos Que de consulta Quanto silêncio Como os queremos! Banho de mar Diz que é um porrete... Cônjuge voa Transpõe o espaço Engole água Fica salgada Se iodifica Depois, que boa Que morenaço Que a esposa fica! Resultado: filho. E então começa A aporrinhação: Cocô está branco Cocô está preto Bebe amoníaco Comeu botão.

Filhos? Filhos... Melhor não tê-los Noites de insônia Cãs prematuras Prantos convulsos Meu Deus, salvai-o! Filhos são o demo! Melhor não tê-los... Mas se não os temos Como sabê-los? Como saber Que macieza Nos seus cabelos Que cheiro morno Na sua carne Que gosto doce Na sua boca! Chupam gilete Bebem shampoo Ateiam fogo No quarteirão Porém, que coisa Que coisa louca Que coisa linda Que os filhos são!